

Análise crítica da obra “A Família em Rede” de Seymour Papert

Seymour Papert é, como cita Nicholas Negroponte, “a criança emancipada”. É um visionário extraordinário, com uma capacidade de previsibilidade impressionante e um apologista da aprendizagem na sua forma mais genuína. É agradável ver como em todos os trechos do livro, não se descartam nunca o papel da criança como centro activo do seu processo de aprendizagem.

Numa primeira perspectiva, podemos rotular o seu trabalho como um amontoado de ideias sobre o mundo dos computadores e as suas finalidades na educação, mas é analisando mais profundamente que encontramos o significado mais amplo daquilo que é o seu estudo fundamental – a aprendizagem.

O livro surge em 1996, altura em que a Internet assumia um potencial forte como fonte de conhecimento, e é avocando sempre a importância desta grandiosidade, que Papert reporta muitas das suas convicções. Ao longo do livro, é usual encontrarmos analogias de aprendizagem e de empenho no executar de tarefas, com o uso da Internet como ferramenta fundamental. É também usual sermos transportados para situações de aprendizagem reais que corroboram algumas das “teorias” alicerçadas. O facto de nos reportar ao próprio contexto familiar, remete-nos a uma vivência íntima daquilo que ele pretende que seja o contributo do livro.

O livro debruça-se, não tanto para a variante escola como centro de aprendizagem, mas mais numa variante que interliga a família e o reforço da aprendizagem.

Neste contexto os agentes participantes são todos aqueles que cooperam e constroem este mundo de envolvimento cognitivo, assumindo cada sujeito, neste caso, cada membro da família, o seu papel. Este papel não é estático, e o brilhantismo da aprendizagem recai nesta construção de papéis e na interrelação que estabelece entre eles. Contudo, neste processo, mais facilmente se exorta ao “pai” o papel de instrutor e ao “filho” o papel de aprendiz.

Papert ressalta que, associado ao processo de aprendizagem, as crianças, ao contrário dos adultos, apresentam maiores aptidões para gerir determinados problemas que lhes surjam, dissipando-os de modo mais fluente, perspicaz e sem medo de errar. O modo despreocupado como tendem a ultrapassar as dificuldades reforça-lhes a capacidade intuitiva de tentar outra vez até compreenderem o erro. Os adultos, pelo contrário, tendem a retraírem-se aquando do surgimento de um obstáculo, a idade trás consigo também uma inibição de sentimentos explorativos, e denota-se que, mais facilmente se associa o medo de enfrentar uma dificuldade á tentativa de a ultrapassar. Por isto, muitas vezes, os papéis intuitivos trocam-se, são os filhos que assumem o papel de instrutor e os pais de instruendo, e o fundamental desta experiência, é o facto de este papel, para a criança, ser também um importante impulsor de aprendizagens, para além de ser um motivo de orgulho por parte da criança, que deve ser fomentado.

A par da ideia principal do livro, a riqueza da aprendizagem, Papert ressalva também o papel fulcral que o uso computacional, quando bem enquadrado, pode emprestar a esta concepção. Neste aspecto, Papert refugia-se na tentativa de não induzir juízos de valor sobre a abordagem correcta, mas sim de mostrar uma nova possibilidade, inovadora e que assuma um papel fundamentalmente contributivo no processo de ensino-aprendizagem. Não menosprezando as incongruências que podem estar associadas ao mau uso do computador, será essencial analisar as potencialidades que esta máquina pode conceder ao ensino e fomentá-las de modo impulsivo. Esta será, para Papert, uma das edificações a fazer, se queremos concorrer a uma melhoria do sistema educativo, quer seja um sistema familiar, quer seja no espaço escolar.

É concordante afirmar que o sistema educativo não encontrou ainda o caminho certo por onde caminhar, as lacunas são grandes e o desafio de as emendar muito assustador. Papert, alude-nos a

comparação do brusco avanço tecnológico (pela medicina, nas telecomunicações e meios de transporte, por exemplo), a despolarizar com a filosofia desmotivadora que ambiciona a melhoria do ensino. A realidade é que a escola não é vista como uma empresa que convém gerir lucros (mas talvez este devesse ser o seu desígnio). A filosofia da escola é abstracta e a conexão que lhe advém tem propósitos bastante ambíguos e retóricos. O erro da educação não é óbvio, por isso a grande dificuldade de se lhe apontar soluções sólidas, contudo, a definição de estratégias a adoptar, deve partir de idealizações pontuais e inovadoras, a escola deve propor a modernização. Esta não partirá pela introdução de um computador em cada sala de aula se esse computador não tiver uso algum, a modernização terá de caminhar no sentido em que se altere profundamente os objectivos e os processos vigentes do ensino-aprendizagem nas escolas. Papert sugere que a megamudança do sistema educativo irá se fazer sentir quando houver uma transformação drástica no currículo, isto é quando a maioria das aprendizagens decorrerem “através da participação em projectos que constituam desafios...” para as crianças. A aprendizagem é facilitada pela motivação.

Este ponto sugere-nos um outro bastante pertinente e que vai de encontro com a desmistificação corrente dos estilos aprendizagens. A tendência para se afirmar que as crianças gostam do que é fácil, e aprendem do modo mais obvio é errada, advém muito mais interesse e motivação da conquista de desafios difíceis que de fáceis. Papert utiliza o termo “hard fun” para conjecturar esta definição. As crianças sentem-se motivadas a aprender, se os conteúdos e os processos necessitarem de exercícios intelectuais mais complexos.

A aprendizagem assim, para além de exigir uma orientação que não menospreze as capacidades das crianças, deve também ser arquitectada definindo moldes construtivos. Papert introduz uma concepção que dita a necessidade das crianças construírem os próprios conhecimentos de forma autónoma e autodirigida, isto é, a aprendizagem que melhor evidencia a interiorização, é aquela que se constrói. Acredita na necessidade de fomentar a aprendizagem pela promoção equilibrada deste modelo construtivista e do outro que se lhe objecta, o instrucionista, que induz a aprendizagem pelo modo de instrução. É na complementaridade destes conceitos que podemos encontrar a melhor forma de promover a aprendizagem, porém a tendência bipolar que tem pendido mais para o lado instrucionista, é aquela que mais marcas negativas tem comportado para o ensino. “O escândalo da educação, reside no facto de sempre que ensinamos algo, estamos a privar a criança do prazer e do benefício da descoberta”. Esta abordagem remete a qualquer tipo de envolvimento, num âmbito familiar é também fundamental que os pais auxiliem os filhos, mas dando-lhe azos para que sejam estes os principais construtores das suas cognições.

Este conceito agarra uma ideia que Papert transmite e que modera grande parte da sua ideologia. No processo de aprender utilizando o computador como ferramenta, deverá ser a criança a comandar o computador e não este a comandar a criança. “O mais importante de tudo, na minha perspectiva, é que as crianças desenvolverão a percepção do seu eu e de controlo”. Este processo dar-lhe-á oportunidades para desenvolver o seu pensamento, irem mais além do que é meramente intuitivo. É um desafio, e uma forte componente no processo de construção de aprendizagens.

Uma nota relevante que se alega nesta sua abordagem, é a necessidade da criança estar consciente que está a construir aprendizagens, isto é, as crianças só interiorizam realmente e de modo congruente, aquilo que sabem estar a aprender. O aprender a aprender é algo de muito relevante e uma das condições indispensáveis para se conquistar conteúdos.

Um dos principais patamares que liga o modelo computacional à aprendizagem, é o software educativo. O livro aborda bastante este tema e remete-lhe noções importantes a ter em conta. Papert assume um papel moderador neste contexto, tende a criticar de igual modo os tecnofóbicos, que excluem de qualquer forma, qualquer tipo de avanço ligado ao uso dos computadores e ao uso de software, até aos tecnofílicos, totalmente dependentes e vidrados nestas técnicas. Assume que circulam em todo o mundo um conjunto vasto de mau software educativo, software que em nada se distancia do método tradicional de ensino e mesmo software enganador, que ilude e camufla o próprio processo de aprendizagem. Para as famílias, o livro aborda um conjunto de referências a ter

em conta aquando da escolha e aquisição de um software, esta selecção necessita de alguma minúcia, mas é abordada a maneira mais eficaz para o conseguir.

Papert induz quatro valores a ter em conta quando nos referimos à aprendizagem e ao modo de trabalhar abertamente com ela. É fundamental confrontar a honestidade e o engano, o respeito, a valorização das pessoas e o materialismo com todo o processo envolvente no contexto quer escolar quer familiar, fomentador de aprendizagens.

Uma das questões básicas referentes à cultura familiar de aprendizagem, consiste em saber se essa interiorização è valorizada ou de que modo é valorizada. “A relação entre o computador e a cultura familiar de aprendizagem tem dois sentidos, com o computador a afectar a cultura de aprendizagem e esta, por sua vez a ter influência naquilo que fazemos com o computador.” Assim o computador poderá ser uma arma forte para conduzir à concentração familiar e à maximização de estruturas organizadas de conhecimentos. As actividades de foro grupal entre membros da família de modo a se construírem interacções de aprendizagens, e conseguidas no computador a partir da realização de actividades, jogos, presentes, entre muitos exemplos, são uma das formas expressar os estilos de aprendizagem de modo a que as famílias se tornarem mais conscientes da cultura que a representa.

Apesar de Papert criticar ferozmente todo o processo que emana o molde da aprendizagem actual, mostra-se também bastante optimista naquilo que são as estratégias para combater esta depreciação. O computador, e todo o conceito computacional, poderá ser uma ferramenta de combate a estas evidências, a realidade futura que aproxima a tecnologia com o quotidiano deve endereçar a uma melhoria de novas técnicas de aprendizagem. A vasta gama de conhecimentos que se experimentam pela Internet, a utilidade de certas ferramentas computacionais, como o processador de texto que estou “inevitavelmente” a utilizar para este trabalho, o contacto com jogos animados, a utilização da programação, o facto de poder trabalhar com som e imagem, entre tantas outras potencialidades, são formas inexoráveis de trabalhar, de modo saudável, certas formas de aprendizagem. Porventura, não nos podemos esquecer que alienado com o mercado encontram-se um sem número de maus exemplares de utilização, e também que a necessidade de utilizar a máquina, pode comportar a dependência desta e o distanciamento físico e emocional com as pessoas, mas é neste patamar que entramos nós como indivíduos responsáveis, capazes de julgar o bom e o mau, e é com o bom, que inevitavelmente teremos de construir o caminho para o futuro.

Trabalho realizado por:

Joana Alves